

A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO*

Se, até o presente momento, nos convencemos de que o *Jornal dos Sports* tinha a pretensão de atuar duplamente no desenvolvimento do campo esportivo carioca, ao noticiar os fatos e eventos ligados aos esportes e de interferir no cotidiano deste campo, ao promover discussões e debates que teriam impacto nas ações dos clubes, nas associações esportivas e nas políticas públicas, não temos mais dúvida acerca desta proposta do *JS* ao examinar a segunda metade da década de 1940.

Tal fato atinge o seu apogeu na campanha empreendida pelo *Jornal dos Sports*, na época de Mário Filho, para que o estádio, posteriormente conhecido como Maracanã, voltado para abrigar os jogos da Copa do Mundo de 1950, fosse construído no bairro próximo ao Rio Maracanã e não na zona Oeste, em Jacarepaguá, como propuseram alguns políticos e jornalistas, como Carlos Lacerda. Nesta parte do trabalho, reforço a ideia de como o *Jornal dos Sports* consolidou-se como um periódico opinativo e com pretensões reais de intervenção no cotidiano esportivo da sociedade carioca.

Para tanto, foram necessárias várias crônicas e matérias publicadas ao longo de quase três anos de debates. As crônicas do *JS*, que atingiram, na década de 1940, o seu momento de maior importância, contavam com a participação de escritores que se tornaram bastante populares como Manuel Vargas Netto, José Lins do Rego, João Lyra Filho e Geraldo Romualdo da Silva.

Sobre o primeiro, podemos afirmar que, juntamente com Mário Filho, formava uma dupla forte de embate junto aos órgãos públicos para disseminar ideias e valores que pudessem colaborar para o pleno desenvolvimento da prática dos esportes na sociedade carioca e brasileira. Muitas vezes, o sarcasmo, a ironia e o deboche eram armas utilizadas por estes escritores, que usavam e abusavam do papel da crônica na vida diária do leitor e aficionado por esportes.

As características da crônica, misto de informação jornalística e texto narrativo ficcional, permitiam essa relação direta do escritor com o leitor, num diálogo que

* Mestre em História Social (UERJ/FFP), Pesquisador do SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer – PPGHC/IFCS/UFRJ) e do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade/UFF).

transformava o leitor do *JS* em parceiro e cúmplice do que estava sendo debatido. As reivindicações dos cronistas em prol da construção de um novo estádio para a Copa do Mundo de 1950, a primeira realizada no Brasil, mereceria uma verdadeira campanha de guerra para convencer as últimas trincheiras de resistência que poderiam existir diante de tal empreendimento.

Mais do que um *locus* próprio para a realização de um campeonato de futebol, o novo estádio era visto como símbolo de uma identidade nacional em construção. Ou seja, o Brasil não poderia abrir mão de mostrar ao mundo que seu povo atingira um alto padrão de desenvolvimento e de civilidade, capaz de competir em pé de igualdade, não só nas quatro linhas, por meio da vitória nos jogos, mas, também, fora delas, ao conjugar organização, modernidade e beleza arquitetônica.

Construir um estádio qualquer não seria suficiente. Deveríamos, então, construir “o estádio”, uma das maravilhas de um mundo moderno e que fosse internacionalizado ao agregar valores da arquitetura mundial, mas com uma alma inteiramente brasileira. Não por acaso, o estádio seria chamado, pelo *JS*, de Estádio Nacional, quando ainda não se tinha o nome oficial para designá-lo, pois, na verdade, representaria os anseios de toda uma nação.

Cabiam aos cronistas, de acordo com a linha editorial, intermediar, mais um vez e agora de forma mais incisiva, a expectativa da cidade do Rio de Janeiro, traduzida pelos interesses dos leitores, com a criação de um palco esportivo digno da qualidade de seu povo, com a ação do poder público. Para tanto, em uma crônica de Vargas Netto, temos o seguinte pedido:

Sr. Ministro da Educação

Todos os desportistas sabem que depende de providencias suas o andamento do projeto do estádio para a Copa do Mundo. É justo que todos nós esperemos solicitude da parte de V. Excia, e vou dizer porque...

Mesmo que se ponha de parte a obrigação de bem servir do povo, como membro do Governo que é V. Excia., separando-se a sua condição de ministro de Estado, que deve estar vigilante no trato dos problemas de sua pasta, ainda temos outros motivos para esperar a sua atitude amiga.

Vossa Excia. é uma das inteligências moças do Brasil. Homem de cultura, vivendo dentro da realidade, ao contrario dos “chichanos” de torres de marfim, educador em ação, sabe perfeitamente o papel do esporte na vida moderna. Sabe tambem que o esporte não tem como único fito a obtenção de campeonatos para clubes mas o preparo da mocidade para a luta pela vida, levantando as condições de higidez do povo.

Foi a prática intensiva dos esportes que permitiu aos americanos resistirem ao embate tremendo de uma guerra em cinco continentes.

Esporte é educação física, senhor ministro! por isso deve interessar fundamentalmente à sua inteligência de homem moderno. Precisamos de um estádio para realizar o Campeonato do Mundo, o que significa cumprir os compromissos internacionais do Brasil (VARGAS NETTO, 1º/05/1947: 4).

No texto acima, Vargas Netto procurava chamar a atenção do Ministro da Educação para a importância da construção do estádio nacional como forma de desenvolver plenamente os esportes no país. Usava a ideia de esportes e fortalecimento de um povo, deixando claro que a teoria eugênica ainda influenciava as mentalidades da imprensa esportiva e de parte da intelectualidade em finais dos anos 1940.

Citando a força dos soldados norte-americanos, que tinha origem, em sua opinião, no valor que os Estados Unidos davam para a prática de esportes, tentava convencer a autoridade política e governamental de que a II Guerra Mundial (1939-1945) teria sido vencida não por acaso, mas por participação efetiva de um povo preparado para tal desafio. Cabia ao Estado brasileiro se preparar para uma guerra: uma batalha pela organização e responsabilidade internacional, já que o mundo todo estaria com os olhos voltados para nós.

Boa parte da argumentação de Vargas Netto tem como mote a via educacional da prática de esportes, pois muitos políticos e alguns jornalistas contradiziam os benefícios que a construção do novo estádio trariam, principalmente pelos altos custos advindos desta empreitada. Educação e saúde seriam setores onde os recursos públicos poderiam ser melhor empregados e não em jogos de futebol, por exemplo.

Desta forma, o cronista tentava driblar este adversário ao lembrar que investir em espaços esportivos era desenvolver a educação e também a saúde, pois os esportes trariam recursos fisiológicos ao homem moderno, por meio da educação física e do apelo de um bem estar de um povo que se tornaria mais saudável ao praticar esportes e, por consequência, mais forte e orgulhoso.

Mário Filho também apostava no discurso da modernidade para defender tal ideia. Como titular, desde 1936, da coluna editorial “Críticas e Sugestões”, encontrava aqui um palanque privilegiado para divulgar suas teses. Neste caso, também conclamava o poder público para investir na construção do estádio, como podemos analisar no texto abaixo:

A LIÇÃO do Campeonato Sul-Americano de Atletismo deve servir, também, de advertência para o Campeonato do Mundo de Football.

Quando se fala no Campeonato do Mundo parece que o único problema é o do estádio.

Nem Pacaembú nem São Januario foram construídos para um Campeonato do Mundo. Se são pequenos para certos matches dos certames locais, se não chegam para acomodar o público das finais dos campeonatos brasileiros, qualquer um pode fazer uma idéia de Pacaembú e de São Januario no Campeonato do Mundo. E, embora quando se fala em Campeonato do Mundo parece que o estádio é o único problema, não se fala muito nem de uma coisa nem de outra. Como se houvesse tempo para tudo.

O PAPEL DAS ENTIDADES

A construção de um estádio nacional, relegada, pelo menos oficialmente para as calendas gregas, ou mesmo a ampliação de São Januario, que não passou, até agora, de um projeto não dependem dos que assumiram a responsabilidade de organizar e promover o Campeonato do Mundo. Se o estádio nacional não for construído, se São Januario não for ampliado, a culpa é do Governo, que ignorou a importância, para o Brasil, de um Campeonato do Mundo. O conforto do público depende do Governo, mas o êxito da representação brasileira depende da C.B.D., das Federações e dos clubes. (...) (MÁRIO FILHO, 07/05/1947: 2)

Mário Filho, nesta crônica, também reforça a importância do poder público para o sucesso da organização da Copa do Mundo de 1950.¹ Sem ele, não adiantariam os esforços para que a CBD, as federações e os clubes fizessem uma grande competição.

A argumentação principal é em relação à acomodação do público que não estaria confortável o suficiente em estádios já existentes, como o Estádio Municipal de São Paulo (Pacaembú) e o São Januário (do Clube de Regatas Vasco da Gama). Apesar de citar que a ampliação deste último poderia ser uma solução paliativa para o problema, o JS iria se empenhar na ideia de construir um novo estádio, já que assim estaria confirmada a vocação esportiva do povo brasileiro, assim como desenvolveríamos um símbolo de modernidade factível e gigante. Para tanto, todos deveriam cumprir a sua parte neste projeto nacional, mesmo que houvesse sacrifícios de todas as partes.

Este projeto, todavia, tinha uma trajetória histórica, desde 1941, a partir da criação do CND (Conselho Nacional dos Desportos) pelo governo Vargas, com o objetivo de organizar e planejar as atividades esportivas sob a ideologia do Estado Novo. A construção de uma grandiosa praça de esportes passara pela pasta do ministro Gustavo Capanema e pelas intenções do prefeito Henrique Dodsworth, mas ocorreram

¹ Inicialmente, a Copa do Mundo seria no ano de 1949. Porém, como a FIFA não queria que o primeiro campeonato mundial pós-II Guerra Mundial fosse ofuscado pela proximidade com os Jogos Olímpicos de 1948, a data foi reagendada para 1950. Cf. também MÁRIO FILHO. Uma campanha que tem que prosseguir. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17/05/1947.

disputas entre estas duas esferas governamentais, o que gerou o “engavetamento” do projeto (MOURA, 1998: 24).

O jornal, que sempre apoiara a ideia de construção e expansão de praças esportivas, não “jogaria a toalha”. Nos anos seguintes, a campanha prosseguiria, mesmo que de forma discreta. Em 1943, ao comentar e criticar a atuação da torcida carioca que, segundo o *JS*, não apoiava os clubes do Rio como, por exemplo, faziam os torcedores de São Paulo, a questão sobre o espaço apropriado para o público do futebol aparecia com força: “O público carioca devia olhar a atitude do público paulista, como um exemplo a ser seguido. Certas rendas do campeonato paulista não poderão, tão cedo, ser superadas no campeonato carioca. E isso porquê o futebol carioca não dispõe de um estádio municipal.” (JORNAL DOS SPORTS, 04/05/1943: 2).

Apesar de Moura informar que “As primeiras palavras publicadas na imprensa acerca da necessidade de se construir um moderno estádio na cidade maravilhosa aparecerem nas páginas do *Jornal dos Sports* em maio de 1947”, podemos entender que tal ocorrera um pouco antes, conforme podemos verificar na análise das fontes (MOURA, 1998: 25). Todavia, concordamos com Moura de que, a partir da data citada, ocorrera uma campanha estruturada em torno da construção do estádio, que inicialmente era chamado de “nacional”, pelos motivos que já comentamos, mas que se firmara como “municipal”, por conta da empreitada liderada pela prefeitura sob a gestão de Angelo Mendes de Moraes.

A campanha do *JS* fora intitulada de “A Batalha do Estádio”, o que já é interessante, pois o jornal, quase que diariamente, publicava matérias, notícias, entrevistas e crônicas acerca da importância de um parque esportivo na cidade do Rio de Janeiro e que o mesmo deveria existir em uma área central como a do Derby Club, que ligaria em torno do mundo dos esportes as zonas Sul e Norte da cidade (MÁRIO FILHO, 07/03/1948: 2). Além disso, as obras nesta região resolveriam o problema de alagamento naquela localidade. O jornal encarava esta campanha como uma verdadeira batalha. Jornalistas como Carlos Lacerda, também vereador, propunha que ao invés do Derby Club, o local apropriado para a construção deveria ser o bairro de Jacarepaguá, na zona Oeste do Rio de Janeiro. O argumento de Lacerda era de que este bairro cresceria economicamente com os investimentos que viriam com a revitalização urbana,

proposta pela construção do estádio. Cabe lembrar que, na década de 1940, a zona Oeste ainda se configurava como uma área praticamente rural.

Lacerda, mesmo derrotado, e anos depois, usaria o seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*, para continuar defendendo os interesses da urbanização daquela região, conforme podemos observar abaixo:

As estradas rurais estão abandonadas

As estradas existentes em Jacarepaguá, tão importantes para o transporte da produção rural e para o turismo, que mereceram tantos cuidados (...) dos prefeitos Prado Junior e Pedro Ernesto, estão em péssimo estado de conservação, especialmente aquelas que somente servem para fins econômicos.

(...) Nessa região, essencialmente rural, há um hospital da Prefeitura quase abandonado.

Acima do Tanque, as ruas transversais com maioria de residentes de trabalhadores, são esburacadas, calhes de capim e sem iluminação. Algumas residências não contam ainda com luz elétrica.

Nessa região de Jacarepaguá começa o verdadeiro “sertão carioca”, só conhecido pelos seus moradores.

(...)

Todo êsse “interior” de Jacarepaguá não conta com meios de transportes, apesar da existência de empresas de ônibus que partem do Tanque ou Freguesia. Todas porém têm poucos carros velhos que trafegam sem horário.

(...) À rua Coronel Rangel, 316, a Prefeitura construiu há anos um belo edifício, que serve de sede à Escola Paraná. Apenas, hoje a Escola Paraná apresenta vidraças partidas, toldos rasgados, paredes rachadas, pintura desbotada e outras coisas. A engenharia municipal, no entanto, ainda não viu o estado daquele próprio municipal, da rua Coronel Rangel.

E assim se vive em Jacarepaguá. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1º/04/1950: 2)

Percebe-se, às vésperas da Copa do Mundo, que o jornal, liderado por Lacerda, utilizava o argumento do descaso com a saúde e com a educação por conta dos altos investimentos direcionados para o evento esportivo internacional.

Voltando ao ano de 1947, o *JS* festejara o interesse dos poderes públicos, nas esferas municipal e federal, na construção do estádio na área do Derby Club. A participação do presidente Eurico Gaspar Dutra nesta campanha é comemorada na primeira página do jornal, no dia 15/05/1947:

Não há como negar a extraordinária importância que neste momento assume a construção do Estádio Nacional, a fim de que possamos apresentar ao nosso público e às delegações que nos visitarão em 1949 um local condigno para a realização da “Copa do Mundo”.

Volta o assunto à ordem do dia, agora com ampla intensidade, dado a aproximação da época assentada para o magno certame internacional. E todas as vozes apontam como de inadiável realização, clamando por que se não negue à nossa Pátria o direito de demonstrar a todos os povos do mundo

o alto grau de cultura que devotamos às coisas do esporte, inegavelmente o maior fator para a difusão dos princípios cívicos e eugênicos da nossa gente. Não será demais, pois, insistir por que seja desde logo uma realidade a construção do Estádio Nacional, para o qual, sem dúvida, se acham voltados, não só o interesse de todos os sportistas do país e do estrangeiro, como as energias dos que têm sobre os ombros as responsabilidades da alta administração do país.

(...) Dono de varios projetos no sentido de ser o esporte brasileiro dotado não só do Estádio Nacional, mas também de uma rede de praças esportivas espalhadas por diferentes regiões do nosso território, o Sr. Hilton Santos representa uma voz autorizada no importante assunto, já pelas suas relações pessoais com o Sr. presidente da República, já, outrossim, pelo alto cargo que ocupa na administração pública.

Num encontro de JORNAL DOS SPORTS com o ex-presidente do Flamengo, prestou-nos o Sr. Hilton Santos as informações que seguem:

- "O projeto para a construção do Estádio Nacional se acha em pleno andamento" – disse-nos o Sr. Hilton Santos, no mesmo se achando vivamente empenhado o senhor presidente da República, que já tomou as medidas legais cabíveis no caso.

Assim um dos últimos decretos-leis de Sua Excelencia, o de nº 9.912, fere o assunto da construção da grande praça de esportes nacional, atribuindo ao Conselho Nacional de Desportos diversas prerrogativas, quais sejam a indicação de Comissões e Sub-Comissões, cujas principais são as de Planejamento e de Execução. Não se acha paralisado, pois o assunto" – acentuou o Sr. Hilton Santos.

Todo o expediente elaborado pelo Conselho Nacional de Desportos se encontra em poder do titular da Educação, Dr. Clemente Mariani, que, somente pelo fato de encontrar-se enfermo, não o submeteu ainda à apreciação do Sr. presidente da República para o encaminhamento ao Legislativo (JORNAL DOS SPORTS, 15/05/1947: 1 e 4).

O apelo à responsabilidade do governo e da importância do esporte nacional para a sociedade brasileira são algumas máximas que seriam exploradas pelo JS em sua "Batalha do Estádio". A construção do estádio seria um ato de civismo, de boa atenção com a nossa "Pátria". O jornal se preocuparia, mais adiante, com os prazos e metas estabelecidas para a plena organização da Copa do Mundo. Outra característica marcante no texto é o discreto, mas quase sempre presente discurso em favor da eugenia, pois a prática de esportes melhoraria a raça brasileira.

Em princípios de junho de 1947, a Prefeitura do Rio de Janeiro resolveria a questão de vez, ficaria responsável pela construção do estádio por possuir melhores condições financeiras e de ser a proprietária do terreno do Derby Club (MOURA, 1998: 27-29).² Some-se a isso a ideia de que a Prefeitura teria mais agilidade administrativa e menos burocracia governamental para empreender tal ação.

² Posteriormente, verificou-se que área não pertencia à Prefeitura, mas ao Jockey Club, o que levou ao poder municipal a permutar áreas em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O discurso em torno do uso dos recursos públicos para a construção de praças e monumentos esportivos consumia várias páginas dos jornais do Rio de Janeiro. O *JS* era um defensor de que a construção do estádio tinha um objetivo pedagógico e salutar à medida que os esportes eram instrumentos eugênicos de aprimorar o valor da disciplina nas escolas e melhorar as condições de saúde da população. Desta forma, indiretamente, o estádio novo possibilitaria ampliar ainda mais o interesse dos esportes nas escolas, reeducando os jovens, e esvaziando os hospitais, e diminuindo, por consequência, as despesas com os gastos públicos com a saúde.

Segundo Moura, o próprio correligionário de Lacerda na UDN, o também vereador Ary Barroso, encomendara uma pesquisa ao Ibope sobre o que a população em geral e os torcedores achavam da construção do novo estádio. Sendo a resposta da pesquisa favorável à campanha pela criação do novo monumento esportivo, o *JS* publicara os resultados da mesma:

Conduzida em duas etapas, a pesquisa ouviu 580 pessoas do público em geral e 500 aficionados pelo esporte – entrevistados nas saídas dos campos de Botafogo, Flamengo, Vasco, Madureira e Bonsucesso, nos dias 16 e 17 de agosto. À primeira pergunta – “O senhor acha necessária a construção de um estádio para a cidade?” -, responderam afirmativamente 79,2% dos entrevistados entre o povo em geral e 95% dos aficionados. Sobre a localização do estádio, 56,8% da população e 85,2% dos aficionados apontaram o Derby Club como o local mais apropriado. A pesquisa revelou ainda que, para 30,5% do público, a maior diversão era o cinema, seguido de perto pelo futebol (29,2%). Entre os aficionados, 84,8% apontaram o futebol como sua maior diversão e 8,2%, outros esportes. Quanto à disposição de cooperar para a concretização da obra, 53,6% da população carioca e 77% dos aficionados mostraram-se de acordo (MOURA, 1998: 30; JORNAL DOS SPORTS, 19/08/1947).

O *JS* concluía que a população carioca, enfim, estava apoiando de fato a ação construtiva da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, e tal pesquisa, ao ser publicizada, aumentaria ainda mais o calor da campanha pela construção do estádio. Mário Filho e Vargas Netto, em suas colunas, assim como outros redatores e cronistas, disparavam palavras de repúdio àqueles que ainda resistiam ao inevitável: a modernidade que o novo monumento traria, extrapolava os limites da cidade, impondo ao Brasil um lugar de grande destaque no cenário internacional.

A resistência, para estes cronistas, partia de pessoas que colocam a política interna acima dos interesses da população - daí a importância da publicização da pesquisa acima descrita -, e daqueles que seriam incapazes de articular o quadrinômio

esportes-educação-saúde-sociedade. Esportes, para o *JS* e seus cronistas e redatores, teriam uma função social primária: a de educar as massas para o seu aprimoramento físico e mental.

Até mesmo a comparação e a rivalidade com São Paulo foi utilizada pelo jornal para justificar o apoio à construção do estádio, pois com o surgimento do estádio do Pacaembú, em 1942, os estádios cariocas não estariam em condições iguais de prestigiar uma moderna partida de futebol. Para Vargas Netto, por exemplo, o Rio de Janeiro, como capital federal, não poderia ficar atrás de São Paulo em nenhum assunto possível (MOURA, 1998: 32; VARGAS NETTO, 17/09/1947).

Não só a rivalidade com os paulistas fora lembrada neste longo debate, mas também a disputa com os argentinos que possuíam, na ocasião, estádios mais bem estruturados e que fora o único país a não apoiar a escolha da sede da Copa do Mundo em terras brasileiras, já que queria que a mesma ocorresse por lá (MOURA, 1998: 33; SILVA, 14/09/1947).³

Tendo todos os argumentos colocados e explorados para o público, era hora e momento do projeto ser aprovado definitivamente pela Câmara de Vereadores, o mesmo que fora redigido pelo vereador comunista Iguatemi Ramos. Para o jornal, não havia mais tempo a perder e o periódico, vencido os argumentos contra as últimas resistências, direcionava seu olhar interventor para a decisão final do órgão legislativo municipal:

Esperava-se que a Camara Munipal andasse muito mais depressa para autorizar a construção do estádio. Principalmente depois que, agitada pelo vereador Carlos Lacerda a questão da Vila Olímpica em Jacarepaguá, se tornou claro que a maioria absoluta dos vereadores era pelo estádio para o campeonato do mundo. A questão da Vila Olímpica em Jacarepaguá teve esse mérito: definiu a posição da Camara Municipal, em relação à mensagem do prefeito antes que ela entrasse na ordem do dia. Antes mesmo que ela tivesse o parecer favorável da Comissão de Justiça. Sabe-se, portanto, qual a posição que a Camara Municipal vai tomar. Ou melhor: qual a solução que vai adotar para o problema do estádio.

O DILEMA

Justamente por isso se sente mais a demora de uma decisão que já se sabe qual será. Se houvesse dúvidas, a ponto de justificar apreensões, se comprometeria qualquer adiamento, embora a premência do tempo seja cada vez maior. Sabe-se, porém, até a votação contra e a favor, quais os vereadores que se batem pelo estádio e quais os vereadores que combatem o

³ Os estádios, segundo a autora, apesar de antigos, teriam a capacidade para 120 mil pessoas. Cf. também: SILVA, Geraldo Romualdo da. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 14/09/1947.

estádio. Talvez a votação a favor seja maior do que se supõe. Até agora os vereadores que são contra, felizmente pouquíssimos, ainda não se encontraram na situação de ser definitiva, irremediavelmente contra uma coisa que o povo vem querendo há tanto tempo.

(...) Mas é preciso um pouco de pressa, inclusive dos que são, a favor e que, com a vitória nas mãos, não pareçam sentir que o tempo vai diminuindo, dia a dia, a distancia que separa setembro, já setembro de quarenta e sete, de junho de quarenta e nove. Outro dia eram dois anos, agora é um ano e dez meses a caminho de um ano e nove meses. Todos que querem o estádio têm de lutar contra o tempo. Inclusive os vereadores (MÁRIO FILHO, 04/09/1947: 2).

Dentro desta argumentação contra o atraso da decisão final da Câmara, que parecia irremediavelmente a favor da construção do estádio, o JS pressionava o órgão pois o tempo passara rápido e o Brasil não poderia passar vergonha diante da comunidade internacional. Neste momento, a decisão que prorrogaria o calendário da competição para o ano seguinte, 1950, ainda não tinha sido divulgada pela FIFA.

O jornal, como estratégia de pressão política, passou a publicar entrevistas com vários vereadores que eram, então, “obrigados” a se posicionar diante do público leitor/eleitor como ocorrera com o político Gama Filho:

O vereador Gama Filho, na “enquete” que JORNAL DOS SPORTS vem realizando na Câmara Municipal, manifesta desde logo a sua opinião a respeito do Estádio Municipal, sem rebuços, de forma decisiva, encarando-a com a importância que lhe é devida. Demonstrando ao repórter até surpresa em que pesa existir no seu íntimo, qualquer dúvida a respeito do momentoso assunto:

- Sou um homem prático, que vive no meio do seu povo e como tal chego a julgar até surpreendente que ainda possam julgar-me com tal ou qual opinião a respeito do Estádio. Somente os que se conservam alheios do pensamento da coletividade carioca é que poderão ignorar o que o esporte para ela representa. E o querer transformar a questão do Estádio em caso político, mais do que desmerecer a confiança de seus eleitores, é desumano, é impopular e injustificável. No esporte não há este ou aquele partido político ou adversário dessa ou daquela ideologia. O assunto é bem do povo, pois, não só o carioca, como o brasileiro. Não temos o direito de retardar e muito menos impedir que o nosso país e em especial a nossa linda “Cidade Maravilhosa” seja a capital do mundo durante alguns dias, (...) (JORNAL DOS SPORTS, 10/09/1947: 1).

Desta forma, o jornal procurava tomar para si, a votação da Câmara dos Vereadores, à medida que publicava a opinião dos políticos daquela casa legislativa, procurando demover dúvidas e resistências e tentando, por fim, acelerar o processo de votação do projeto, que veio a ocorrer apenas em 29/10/1947, com 28 votos a favor e 6 contra.

Passada mais esta vitória na esfera legislativa, o *JS* concentraria as suas forças em mais uma frente na “batalha do estádio”: a campanha pela venda das cadeiras ao público carioca. Para colaborar com o orçamento vultoso para levantar tal obra, a Prefeitura do Rio de Janeiro venderia trinta mil cadeiras cativas que poderiam ser utilizadas por um período de cinco anos. Mais uma vez, a oposição se fez presente e uma crítica contra a venda das cadeiras fez com que o *JS*, mais uma vez, se posicionasse a favor da gestão do prefeito Mendes de Moraes, alegando que se o povo estava a favor da obra, precisava contribuir para a execução da mesma. O que estava em jogo não era apenas a construção de um monumento, mas sim a elevação da modernidade brasileira, em um palco internacional. Portanto, todos, então, deveriam participar de tal empreendimento (MÁRIO FILHO, 21/11/1947: 2; LYRA FILHO, 28/12/1947).

Vencida mais esta etapa, o jornal defenderia vigilantemente a construção do estádio, pedra sob pedra, de forma inusitada: acompanharia o andamento da obra desde o seu início, em julho de 1948 até as vésperas de sua inauguração, em 1950. Neste período o *JS* publicava fotos quase diariamente da evolução da obra, crônicas enaltecendo a liderança do prefeito Mendes de Moraes e chegava a chamar a todos para visitar as obras do Estádio Municipal, conforme podemos perceber em dois dos vários exemplos examinados nesta nossa pesquisa:

I.

Uma realidade o Estadio Municipal – O desportista que passa pelos terrenos do antigo Derby Club vibra com o espetáculo que lhe proporcionam as obras de construção do Estádio Municipal. Trata-se, sem dúvida, alguma, de um empreendimento de vulto, justo orgulho da engenharia nacional e motivo de satisfação para o desporto brasileiro. Dia a dia os trabalhos avançam e, numa data que não está longe, teremos então o nosso estádio, o maior monumento esportivo do mundo. Aí temos uma visão fotográfica das obras do Estádio Municipal, colhida pela objetiva de Angelo Gomes, notando-se já o segundo andar das arquibancadas em adiantada construção (JORNAL DOS SPORTS, 1º/05/1949: 9).

II.

Já iniciado o terceiro piso – Da forma costumeira, aí têm os nossos leitores mais uma fase da marcha da construção do Estadio Municipal. Fundido já o plano das “Cadeiras Cativas”, atinge agora a obra a sua passagem mais importante, que é a fusão do plano inferior sobre o qual repousarão as arquibancadas monumentais, que constituem duas terças partes da estrutura. A corrida do concreto nesse plano já foi iniciada, achando-se as fôrmas todas prontas para o referido plano. E já sendo armada, podem ser vistas as fôrmas das arquibancadas, que se elevam em varios setores (JORNAL DOS SPORTS, 07/05/1949: 1).

Os leitores poderiam participar da obra do estádio lendo as páginas do *JS* e vendo as imagens que eram produzidas pelos fotógrafos do jornal. Tudo era vigiado e controlado pelo jornal e as críticas da demora da sua finalização eram defendidas por Mário Filho e equipe. O colosso de concreto, o gigante do Maracanã, o palco principal da Copa do Mundo de 1950 e vários outros adjetivos foram inventados pela equipe do *JS* para propagar ainda mais a importância que o novo monumento teria para a vida da sociedade carioca e brasileira. O cronista Geraldo Romualdo da Silva chegava a comparar o Estádio Municipal, futuro Maracanã, ainda em obras, com a importância arquitetônica e social que o Estádio Wembley tinha para os ingleses. Comparação que de certo modo tinha um quê de previsibilidade, mas que tinha a intenção de criar uma tradição, antes mesmo dela ter iniciado na prática. O gigantismo do Maracanã, para além de sua estrutura arquitetônica moderna, começara antes, nas páginas do *JS*, com a comparação com os maiores estádios do mundo. A imagem do estádio é transformada quase em um mito, como vários outros criados ao longo da história do jornal:

(...) O maior de todos surgirá no Brasil: Wembley, como todas as demais praças de esporte aqui focalizadas, tem sua história mais um menos heroica. Wembley, como todas elas, é admirado pela magnificência da estrutura. Breve, porém, mau grado as dificuldades e os obstáculos que cercaram a construção do nosso Estádio Municipal, atletas e dirigentes terão de se curvar ante a maravilha que ora se ergue no Rio de Janeiro, cuja capacidade ultrapassa a quantas enumeramos nesta reportagem e cuja beleza arquitetônica constituirá motivo de orgulho para os técnicos nacionais. Certo que se demorará um pouco mais do que Wembley. Certo que levará mais dias que todos os coliseus célebres da Terra, mas já esteve pior. Deixando de ser sonho e tornando-se uma realidade palpável e sensível, ele constituirá por si só uma expressão do progresso do football brasileiro nos próximos confrontos pela Copa do Mundo (SILVA, 07/07/1949: 5).

As dificuldades encontradas no período pré-obra e mesmo durante a mesma são utilizadas para valorizar ainda mais o ato heróico de sua construção e previa, então, o futuro de sucessos e glórias do Estádio Municipal. Desta forma, o jornal continuava a exaltar a importância do estádio e justificava o atraso nas obras, que, também, a cada dia causava temor e receio de todos, além de insuflar os argumentos da oposição à construção do estádio. Já se pensava que o atraso poderia inviabilizar a organização da Copa do Mundo no Rio de Janeiro.

Mário Filho, portanto, tinha a missão de tranquilizar os seus leitores, alegando que nada impediria a marcha da vitória da “batalha do estádio”, cujo papel de protagonista era destinado ao JS:

Desencadeia-se nova campanha contra o Estádio Municipal. De um certo modo a campanha contra o Estádio Municipal nunca teve, rigorosamente, solução de continuidade. Por isso o que se chama de nova campanha é a mesma velha campanha. A campanha que tomou todas as formas, inclusive a do silêncio. Havia sempre um interesse inconfessável por trás da má vontade e da má fé. Comissões de terreno, comissões de propaganda. (...) Por isso eu admiro cada vez mais o general Mendes de Moraes. O general Mendes de Moraes teve todos os pretextos para não construir o Estádio Municipal. Outro teria desistido. (...) A obra empreendida não era uma obra para dois anos. A indústria brasileira não estava preparada para um empreendimento daquele vulto. O Estádio Municipal virá a ser a quarta obra em concreto do mundo. Foi preciso que a indústria brasileira se aparelhasse para as necessidades do Estádio Municipal. E a realidade do monumento do Derby serve, assim, sobretudo, como um motivo de orgulho. Quem avista as obras do Estádio Municipal experimenta a vaidade de ser brasileiro. (...) Pois apesar disto há quem tente ainda sabotar o Estádio Municipal. Usando a arma da intriga. Acabou-se a demagogia das escolas e hospitais. Resta a intriga. E faz-se a intriga para tentar o impossível: o desânimo do general Mendes de Moraes.

(...) O Estádio Municipal não é só um monumento para o campeonato do mundo. Não é só um cartão postal do Brasil para o Mundo. É o maior estádio do mundo para os clubes e entidades do Brasil. Um estádio que abriga uma nova era para o esporte brasileiro. (...) O Rio de Janeiro, com o Estádio Municipal, se transformará na Meca do football mundial. Não há temporada que não se torne possível com o Estádio Municipal. Para que se tenha uma ideia do que será o Estádio Municipal: com um único jogo um clube poderá pagar um grande team, os contratos de um ano de grande team. O esporte brasileiro ficará devendo toda vida esse serviço ao general Mendes de Moraes.

(...) E o mais espantoso é que alguns desses intrigantes pertencem à crônica esportiva. São conhecidos. Foram os mesmos de Terra Seca, do Estádio Nacional, e agora reforçados por quem mais combatem o Estádio Municipal, na Câmara dos Vereadores. Nada os detem: para eles a C.B.D. seria capaz de uma chantage. A chantage de exigir uma indenização para fazer disputar o campeonato do mundo no único local em que o campeonato do mundo poderá ser disputado. Sabe-se que nada será capaz de deter a marcha do Estádio Municipal que já transcendeu, de muito, os limites de uma obra regional, que se transformou numa das maiores obras nacionais já empreendidas. O Estádio Municipal deu nova expressão ao campeonato do mundo. A base da propaganda do campeonato do mundo, no mundo, é o Estádio Municipal. Base de uma propaganda, diga-se de passagem, que não é do governo nem das entidades. Propaganda que se tornou uma consequência natural do esforço gigantesco feito pela Prefeitura do Distrito Federal, pelo empenho de um homem, o general Mendes de Moraes, que redime o descaso dos governos do Brasil pelo esporte, para dar ao maior acontecimento esportivo e turístico da história do Brasil palco que o consagrasse aos olhos do mundo (MÁRIO FILHO, 03/01/1950: 3).

Nesta crônica em forma de protesto, Mário Filho procurava sintetizar as principais questões relativas às resistências contra a construção do Estádio Municipal: a

oposição incessante, as comissões eternas, lentas e burocráticas para a aprovação do projeto nas esferas federal e municipal e as intrigas criadas pela oposição para desalinhar a aliança entre a CBD e a Prefeitura da cidade, por conta do atraso nas obras.

Para Mário Filho, surgiria a figura heróica do prefeito, o general Angelo Mendes de Moraes. Este, segundo o cronista, fora um dos poucos dirigentes políticos a acreditar no projeto do começo ao fim, lutando contra uma indústria da construção civil inadequada para o tamanho do empreendimento e marchando (como militar que era) até o final da batalha.

Para terminar, o cronista acreditava que o estádio traria lucro para os clubes, pois possibilitaria acomodar um número bem maior de torcedores e que a Copa do Mundo aumentaria ainda mais o interesse pelo futebol entre os brasileiros. Por fim, em relação ao torneio mundial, Mário Filho exagerou tanto ao redigir a sua crônica, que chegara a dizer que a própria Copa do Mundo seria outra, diferente, com a construção do Estádio Municipal. Esperava-se que o mundo estivesse com os olhos voltados para o Brasil e que o futebol brasileiro, tendo Estádio como o palco principal, pudesse ser reconhecido de uma vez por todas.

Em mais uma crônica do *JS*, a vinculação da construção do estádio com a Copa do Mundo fica evidente:

(...) É inestimável, é incalculável e é inacreditável o que se ficará devendo à “Copa do Mundo” de 50, como agente de expansão do nome do Brasil. Praza a Deus que nos campos das próximas refregas, possamos contar com atletas que ratifiquem pelo empenho, pela capacidade técnica e pela disciplina, essa publicidade, que tem suplantado em muito, em tudo, o café, ao samba e ao “colar de pérola” de Copacabana.

Porque esta é uma dura verdade, mas é uma verdade os europeus não nos conhecem senão pela força desses agentes e, um pouco, também, pelas graças de Carmen Miranda...

Incrível, pois não? Mas acreditem nessa dura verdade. Nessa verdade que muito custa a ser dita, mas que deve ser dita em benefício da própria verdade.

(...)

Mas, já que se aponta o football como o mais recente e o mais sério rival do café, do samba e de Carmen, é justo e natural, entretanto, que se o tenha “xipofagamente” ligado ao Estádio Municipal.

Sim, porque desde que se anunciou ao mundo que anda em crescimento no Brasil, um estádio com capacidade para 155 mil pessoas, nada se conta nem nada se diz ou se escreve na Europa em relação à “Coupe Jules Rimet”, que também não tenha por base o Estádio Municipal – esse nosso estádio que continua aparecendo aos olhos dos europeus menos crédulos como um simples prenúncio de estádio (SILVA, 03/01/1950: 3).

O Brasil teria uma oportunidade única de mostrar ao mundo de que seria o país do futebol e tal informação tornava-se factível pela construção do Estádio Municipal. Se ainda não tínhamos o título da Copa do Mundo, teríamos o título de maior estádio do mundo e muitas possibilidades de conquistar o campeonato em casa. O futebol, para o cronista, seria uma das principais identidades brasileiras no plano internacional, como o café, Carmen Miranda e a Praia de Copacabana.

Desta forma, acreditamos que a campanha em torno da construção do Maracanã fora a principal ação de intervenção do *JS*, não só no campo esportivo, mas na própria sociedade. Todavia, cabe lembrar que o jornal nascera em 1931 com este tríplice propósito: de noticiar, mediar e intervir na sociedade carioca, por meio da cobertura jornalística dos esportes, da elaboração de colunas e crônicas e de campanhas culturais, comerciais e ideológicas do jornal.

Se Mário Filho liderava o *JS* na campanha pela “batalha do estádio”, há que se chamar a atenção da atuação dos vários escritores que fizeram da crônica esportiva a sua arma principal. Nomes como Vargas Netto, Geraldo Romualdo da Silva e outros construíram uma trincheira literária em prol da construção do estádio e da importância que este teria para o êxito brasileiro na Copa do Mundo de 1950.

Enfim, a campanha fora bem sucedida. O estádio fora inaugurado em 16 de junho de 1950 e Mário Filho, como retribuição à sua luta incessante pela construção do estádio e pela valorização do futebol e da própria seleção brasileira, fora convidado pela CBD a integrar uma das três subcomissões da Comissão Técnica para a Copa do Mundo. No caso, tratava-se da subcomissão técnico-psicológica (MOURA, 1998: 52).⁴ Um pouco mais tarde, em 1966, quando já tinha falecido, seu nome seria vinculado ao do estádio, por conta de uma campanha empreendida por vários jornalistas, tendo a frente o seu irmão Nelson Rodrigues e o radialista Waldir Amaral.

Agora, portanto, o espetáculo estava praticamente pronto. A “batalha do estádio” fora vencida depois de alguns anos de resistência do jornal e de vários outros setores da sociedade. A ideia de relacionar futebol e identidade nacional percorria todos os

⁴ As outras duas comissões eram a observadora e a médica. Na subcomissão técnico-psicológica, Mário Filho tinha a companhia de Alfredo Curvelo, redator de *JS*, Afonso de Castro, Andrade Leitão, Marcionillo Cunha e Luiz Menezes. Segundo Moura, esta subcomissão teria a missão de cuidar da “preparação emocional dos atletas para as responsabilidades e as pressões decorrentes do campeonato e também com o esclarecimento dos jogadores quanto a regras e arbitragens”.

círculos de discussão na cidade e no país. O público aficionado tinha uma grande expectativa em torno da seleção brasileira.

O *JS* atingia a sua melhor fase e, desde o final da década de 1940, estampava em sua primeira página que era “o matutino de maior circulação no distrito federal” e também “o matutino esportivo de maior circulação na América do Sul”. A campanha pela construção do estádio dera ao jornal um *status* de veículo privilegiado por suas excelentes relações com os poderes públicos. O jornal vendia cada vez mais. A Copa do Mundo encontrava no *JS* o espaço ideal para a publicação das notícias do futebol brasileiro e internacional. O público tornava-se mais e mais interessado nas páginas esportivas.

A conjuntura era a mais propícia possível para o sucesso do futebol brasileiro, pois, fora de campo, isto já era uma realidade. A imprensa esportiva se consolidava de vez e tornava-se uma constante na vida do brasileiro. Consultá-la, diariamente, era um hábito que se expandia para um público cada vez maior. Todavia, nem Mário Filho, nem nenhum outro cronista e redator do *JS* ou de qualquer outro jornal, esportivo ou não, poderia imaginar o que ocorreria naquela Copa do Mundo. Mesmo com a decepção do futebol brasileiro neste campeonato, a imprensa adotaria um novo discurso: a busca pelas causas de uma derrota histórica. Imprensa e esportes casaram de vez, na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza, na alegria ou na tristeza. Neste caso, mesmo a tristeza, aguda como nunca, seria motivo de pauta nas redações esportivas.

Referências Bibliográficas:

AS ESTRADAS RURAIS ESTÃO ABANDONADAS. *In: Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 1º/04/1950. P. 2. Caderno Notícias da Cidade.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. *In: RÉMOND, René. Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, várias edições. 1947-1950.

LYRA FILHO, João. Uma cadeira no estádio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 28/12/1947.

MÁRIO FILHO. Vamos Principiar a pensar no Campeonato do Mundo? *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.431, 07/05/1947. P. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

_____. Uma campanha que tem que prosseguir. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17/05/1947.

_____. Parece que a Câmara Municipal não sente o tempo passar. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.534, 04/09/1947. Coluna Críticas e Sugestões. P. 2.

_____. A vergonha de ser contra o estádio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 07/03/1948.

_____. A Arma da Intriga na Nova Campanha contra o Estadio Municipal. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.648, 03/01/1950. P. 3.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 24.

SILVA, Geraldo Romualdo da. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 14/09/1947.

_____. De Wembley ao Derby Club; História de Estádios Famosos. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6.095, 07/07/1949. P. 5.

_____. A “Copa do Mundo” Descobre o Brasil...Base da Propaganda: Estadio Municipal. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.648, 03/01/1950. P. 3.

VARGAS NETTO. Sr. Ministro da Educação. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5427, 1º/05/1947. P. 4. Coluna A Crônica de Vargas NETTO.

_____. O direito do povo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17/09/1947.